

# PERCEPÇÕES DE FUTUROS MEDIADORES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS MUSEUS DE CIÊNCIAS

## PERCEPTIONS OF FUTURE EXPLAINERS ABOUT SEX EDUCATION IN SCIENCE MUSEUMS

Suellen de Oliveira<sup>1,2,3</sup> [deoliveira.suellen@gmail.com]

Pedro Vitiello<sup>1</sup> [pedrovitiello@gmail.com]

Robson Coutinho Silva<sup>1,2,3</sup> [rcsilva@biof.ufrj.br]

1. Espaço Ciência Viva

2. Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

3. Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### RESUMO:

A atuação do mediador exige amplo conhecimento científico e segurança. Para identificar as percepções dos futuros mediadores acerca da educação sexual nos museus de ciências, convidamos os participantes de um curso de capacitação a responder um questionário. A análise do conteúdo revelou que os participantes reconhecem a importância de abordar a sexualidade nos museus de ciências. No entanto, a maioria relata dificuldade para mediação sobre o tema, pois o considera tabu, tem pouco conhecimento sobre a questão e se sente insegura para lidar com o público. Os assuntos mais citados por eles pertencem às categorias “Corpo: matriz da sexualidade” e “Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis”; já os conceitos como gênero e orientação sexual foram pouco mencionados, refletindo o processo formativo vivenciado no ensino formal, cuja abordagem foi considerada pela maioria como insatisfatória. Sendo assim, os resultados indicam a necessidade de inclusão de assuntos relacionados aos diferentes aspectos da sexualidade na formação de mediadores dos museus de ciências.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade; educação sexual; mediadores; museus de ciências; espaços de ensino não formal.

### ABSTRACT:

*The role of the explainer requires extensive scientific knowledge and security. In order to identify the perceptions of future explainers about sex education in science museums, we invited participants in a training course to answer a questionnaire. Content analysis revealed that participants recognize the importance of addressing sexuality in science museums. However, the majority report difficulty in mediating on the topic, as they consider it taboo, have little knowledge about it and feel insecure in dealing with the public. The most cited subjects belong to the categories “Body: matrix of sexuality” and “Prevention of Sexually Transmitted Infections”, since concepts such as gender and sexual orientation were rarely mentioned, reflecting the formative process experienced in formal education, whose approach was not considered by the most as satisfactory. Thus, the results indicate the need to include different aspects of sexuality in the training of explainers in science museums.*

**KEYWORDS:** *sexuality. sexual education. explainers; science museums. non-formal education spaces.*

## INTRODUÇÃO

A compreensão da relevância da educação sexual depende, em parte, da construção cognitiva do conceito sexualidade de maneira holística. No entanto, conceituá-la não é uma tarefa fácil, pois ela está relacionada com aspectos biológicos, psicológicos, políticos, legais, sociais, culturais, históricos, religiosos e éticos (UNESCO, 2019). Segundo a UNESCO, ela constitui "uma dimensão central do ser humano que inclui: compreensão e relacionamento com o corpo humano, vínculo emocional, amor, sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução" (UNESCO, 2019).

A sexualidade é inerente à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, portanto, a educação sexual é essencial na formação global do indivíduo, para que esse possa desenvolver e exercer a sua sexualidade com prazer e responsabilidade (BRASIL, 1997). Além disso, a ausência da educação sexual pode deixar os indivíduos expostos à exploração sexual e a comportamentos sexuais nocivos (UNESCO, 2019).

Apesar da sua relevância, a sexualidade muitas vezes está associada à preconceitos, tabus, crenças e valores singulares (BRASIL, 1997), o que pode gerar constrangimento e contribuir para a construção de uma resistência para dialogar sobre os assuntos relacionados à temática. Algumas instituições de ensino não formal<sup>1</sup>, como museus de ciências, aceitaram o desafio de enfrentar essa resistência e desenvolveram diversas atividades sobre o tema, incluindo exposições (CARRARA e CARVALHO, 2016; PEREIRA et al., 2009; SANTOS, 2012; VIEIRA JUNIOR, 2013); atividades extensionistas (SANTOS e LUIZ, 2018); cursos para professores (COSTA e GOUVÊA, 2020; MATOS e COUTINHO-SILVA, 2012; PEREIRA et al., 2012) e mediadores (GOMES e CAZELLI, 2016).

As atividades museais costumam ser conduzidas pelos mediadores, muitas vezes conhecidos como monitores ou educadores de museu (CARLETTI, 2016; MARTINS, 2018). São eles que facilitam o processo de interação do visitante com o módulo expositivo ou atividade proposta, visando contribuir para a aprendizagem significativa do tema abordado (OLIVEIRA e COUTINHO-SILVA, 2020).

Os mediadores são os únicos elementos interativos e bidirecionais de um museu, capazes de ouvir e responder às reações dos visitantes, adaptando suas apresentações e respostas de acordo com o contexto (RODARI e MERZAGORA, 2007). Mas para tornar isso possível, é necessário que esses profissionais tenham um amplo conhecimento científico e segurança para ouvir as ideias dos visitantes e construir com eles um diálogo, a partir das ideias expostas e das questões de interesse do público (GOMES e CAZELLI, 2016; OLIVEIRA e COUTINHO, 2020; RODARI e MERZAGORA, 2007).

Afinal, quem são os mediadores dos museus de ciências? No Brasil, eles costumam ser indivíduos que já concluíram o ensino médio e/ou estão no ensino superior, inscritos em cursos predominantemente área de ciências exatas e naturais. A maior parte recebe bolsa como forma de remuneração, ou seja, não possui vínculos trabalhistas e, como consequência, a rotatividade desses profissionais é alta, como mostrou um estudo realizado em 2016, ao revelar que 85% deles atuam há menos de cinco anos na área (CARLETTI, 2016). Na Europa, a maioria deles são jovens que atuam nos museus em período parcial, enquanto estudam ou procuram outro emprego e recebem baixos salários. Por isso, também não costumam atuar por muito tempo nessa profissão (RODARI e MERZAGORA, 2007). A heterogeneidade na área de formação e a alta rotatividade dos mediadores constitui um grande desafio para as equipes pedagógicas dos museus de ciências: desenvolver atividades destinadas à formação inicial e continuada desses profissionais, buscando prepará-los para uma mediação dialogada.

<sup>1</sup> O ensino não formal ocorre fora do sistema formal de educação e envolve a realização de atividades planejadas, com objetivos bem delimitados, para um público-alvo previamente definido (MARANDINO, 2017; MARANDINO, 2018).

O Espaço Ciência Viva (ECV) é uma associação civil, sem fins lucrativos que tem como um dos seus objetivos a divulgação científica (ECV, 1983). Nesse museu de ciências são desenvolvidas atividades de caráter científico-cultural relacionadas a diversas áreas do conhecimento, inclusive sobre sexualidade (OLIVEIRA et al., 2021; PAIXÃO et al., 2004; PAULA et al., 2014; PEREIRA et al., 2009). No ECV o desafio relacionado ao processo formativo dos mediadores também está presente. Por isso, anualmente é oferecido um curso de formação para todos aqueles que desejam atuar como mediadores nos espaços de ensino não formal (GOMES e CAZELLI, 2016). Nesse curso há atividades relacionadas a todas as grandes áreas temáticas nas quais o museu atua, inclusive sobre sexualidade (BEVILACQUA, KURTENBACH e COUTINHO-SILVA, 2011). Após isso, aqueles que se identificam com o trabalho e desejam atuar como mediadores, são convidados a fazer parte da equipe, caso haja a oportunidade de bolsa, e, uma vez inseridos no museu, passarão por processos contínuos de formação (GOMES e CAZELLI, 2016). No entanto, será que as atividades desenvolvidas no curso de formação são capazes de motivá-los a aprofundar os seus conhecimentos sobre sexualidade e educação sexual? Quais são as suas percepções sobre a educação sexual no contexto museal? Será que eles se sentem preparados e/ou confortáveis para abordar um tema tão complexo, com tantos preconceitos e tabus envolvidos? Como terá sido o processo de educação sexual desses indivíduos no ensino formal? Buscando responder essas perguntas, o presente trabalho apresenta uma análise sobre as percepções dos futuros mediadores sobre a educação sexual nos museus de ciências e no ensino formal<sup>2</sup>.

## METODOLOGIA

Para identificar as percepções dos mediadores acerca da educação sexual no contexto museal convidamos os participantes de duas edições do "Curso de capacitação de mediadores para atuação em ambientes de ensino não formal do Espaço Ciência Viva", realizados em 2019 e 2020, a participarem desta pesquisa. Cada edição do curso teve duração de duas semanas e um dos dias foi reservado ao tema sexualidade. O convite aos participantes foi realizado minutos antes do início das atividades relacionadas ao tema, com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de um questionário contendo as seguintes perguntas:

- 1) Você acha importante trabalhar o tema sexualidade nos museus e centros de ciência? Por quê?
- 2) Quais assuntos você considera essenciais em uma mediação sobre sexualidade com os visitantes de museus e centros de ciência?
- 3) Você acredita que possa ter alguma dificuldade em mediar sobre o tema sexualidade? Se sim, por quê?
- 4) Quais assuntos ou temas relacionados à sexualidade você se sente mais confortável para mediar? Quais você considera mais difícil?
- 5) Durante o ensino formal (ensino fundamental, médio e/ou superior) como foi a abordagem sobre sexualidade? Houve espaço para discussão e esclarecimento de dúvidas?

Todos que estavam presentes nas duas edições do curso, no dia destinado à sexualidade, assinaram o TCLE e responderam ao questionário, totalizando 52 participantes. Cada um foi identificado pela letra "P", seguida por um número (P1 a P52). Durante o curso, após o término das atividades do dia, a comissão organizadora enviava um questionário por e-mail para que os cursistas pudessem avaliá-las. Incluímos na análise os 22 comentários

<sup>2</sup> O ensino formal é realizado no sistema educacional hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, como o ambiente escolar e universitário (MARANDINO, 2017; MARANDINO, 2018).

deixados no espaço destinado a sugestões, críticas e elogios do formulário de avaliação das atividades relacionadas à sexualidade.

Os dados coletados foram transcritos para análise de conteúdo, permitindo a análise sistemática e objetiva do material, sua interpretação e a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção das mensagens presentes nos questionários, a partir de indicadores qualitativos (BARDIN, 2016). A análise de conteúdo permite diversos tipos de abordagens metodológicas. Neste trabalho optamos pela análise categorial na qual o texto é desmembrado e reagrupado em categorias, com base em critérios estabelecidos pelos investigadores (BARDIN, 2016).

Incluimos todas as respostas no *corpus*<sup>3</sup> da análise e cada pergunta do questionário foi analisada individualmente após a leitura flutuante<sup>4</sup> de todo o material. A análise exploratória às cegas, de forma indutiva, sem definição prévia de hipóteses, permitiu a emergência de unidades de registro, considerando o tema como unidade de significação. Ao longo deste trabalho, algumas unidades de registro serão apresentadas junto às unidades de contexto, de modo a facilitar a compreensão da mensagem (BARDIN, 2016). As unidades de registro e contexto foram agrupadas em categorias, de acordo com as suas similaridades semânticas para fornecer ao leitor “uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2016). O processo de categorização seguiu os princípios de exclusividade, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade (BARDIN, 2016).

Todas as etapas da análise de conteúdo, descritas acima, foram realizadas com auxílio do ATLAS.ti 8, um *software* que facilita o gerenciamento e a interpretação dos dados (WALTER e BACH, 2015). Vale ressaltar que o *software* não realizou o trabalho de identificação das unidades de registro e contexto, nem mesmo propôs títulos para as categorias delimitadas, ou seja, ele não fez o trabalho intelectual. Apesar disso, as ferramentas disponibilizadas pelo programa facilitaram o processo de análise e de colaboração entre os pesquisadores.

Posteriormente, a categorização das respostas das questões 2, 4, e 5 foi aprimorada, considerando os eixos norteadores<sup>5</sup> dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para os conteúdos considerados necessários aos programas de orientação sexual<sup>6</sup> (BRASIL, 1997). Apesar de ter como objetivo nortear o trabalho de educação sexual no contexto escolar, utilizamos o PCN como referencial teórico, pois o principal público do ECV são estudantes do ensino fundamental, que visitam o museu junto com seus professores e colegas de classe. Além disso, não há nenhuma iniciativa governamental para orientar a educação sexual no contexto museal. Por fim, após releitura das unidades de contexto de cada categoria, selecionamos os extratos de exemplificação, elaboramos os títulos conceituais e os quadros com a síntese dos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 52 integrantes do curso (apenas 11 do sexo masculino) que responderam ao questionário apresentavam entre 18 e 60 anos de idade e tinham níveis de formação variados: dois com apenas o ensino médio, 41 com ensino superior (cursando ou concluído) — de

<sup>3</sup> Conjunto de documentos submetidos aos procedimentos analíticos.

<sup>4</sup> Leitura inicial, intuitiva e exploratória de todo material.

<sup>5</sup> Os eixos norteadores estabelecidos pelos PCN para os programas de orientação sexual são: Corpo: matriz da sexualidade; Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS; e Relações de gênero.

<sup>6</sup> Expressão utilizada pelo PCN para se referir ao trabalho realizado por educadores sexuais. Essa expressão não foi adotada neste trabalho por ser considerada ambígua, já que ela também pode ser utilizada como sinônimo da classificação dada aos indivíduos, a partir do sexo das pessoas para quem a atração física, romântica ou sexual é preferencialmente vivenciada ao longo do tempo; classificando-as em assexual, heterossexual, homossexual, bissexual e pansexual.

diferentes áreas de formação (Tabela 1) — e nove com pós-graduação (cursando ou concluída).

**Tabela 1:** Áreas de formação dos participantes com graduação incompleta ou concluída

Área de formação	Número de participantes
Ciência Ambiental	1
Ciências Biológicas	28
Ciências Sociais	1
Engenharia	1
Filosofia	1
Física	2
Gastronomia	1
Geografia	1
Jornalismo	1
Pedagogia	2
Psicopedagogia	1
Publicidade e propaganda	1
Química	4
Turismo	2
Não informado	3

Fonte: Elaborada pelos autores.

A importância de se trabalhar o tema sexualidade nos museus e centros de ciências foi reconhecida por 51 participantes (98%). Apenas um não respondeu, mas justificou dizendo "*Na parte física sim, na psicológica depende do público*" (P20), destacando que há uma condição para a abordagem do tema. A necessidade de uma condição específica para desenvolver atividades sobre sexualidade também foi mencionada na justificativa de outro participante ("*Com uma prévia observação do público-alvo*" — P9). É importante ressaltar que as atividades de educação sexual devem ser planejadas com cautela, levando em consideração a idade e o estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional do público-alvo (BRASIL, 1997; UNESCO, 2019).

A partir das justificativas apresentadas foi possível identificar as percepções dos cursistas a respeito 1) da responsabilidade dos museus e centros de ciências ao trabalhar o tema sexualidade; e 2) as percepções sobre o tema. O Quadro 1 apresenta as categorias relacionadas à responsabilidade do museu acerca da educação sexual, elaboradas a partir da análise dos dados obtidos nos questionários e expõem, de forma agrupada, fragmentos de algumas das respostas a fim de exemplificação; já as percepções sobre o tema serão apresentadas mais adiante. A função social do museu de democratizar o conhecimento (DE PAULA, PEREIRA, COUTINHO-SILVA, 2019) foi destacada em duas das três categorias com maior número de respostas (categorias 1 e 2). Além disso, os participantes ressaltaram a importância do ensino reflexivo e dialógico para promover a compreensão dos assuntos relacionados ao tema (categoria 3), o autoconhecimento e autonomia (categoria 6) para tomar decisões responsáveis, reduzindo os problemas sociais (categorias 4 e 5).

**Quadro 1:** Atribuições dos museus e centros de ciências acerca da sexualidade**O MUSEU DEVE....****1- Informar e oportunizar a abordagem do tema (42%, n=22)**

P25: *"Especificamente porque é um ambiente com todas as faixas etárias em seu público. Por vezes os que mais precisam dessas informações, já não estão mais no ambiente escolar."*

P32: *"[...] muitas pessoas não têm acesso a informações importantes sobre o assunto, seja em casa ou na escola."*

P34: *"[...] necessita de fontes confiáveis de informações."*

P17: *"[...] tirar dúvidas que muitas pessoas possuem mas não tem a quem perguntar ou tem vergonha de perguntar."*

**2- Desmistificar e naturalizar assuntos relacionados à sexualidade (31%, n=16)**

P36: *"[...] a formação científica pode vir a complementar conhecimentos, noções e práticas, e contribuir para a minimização de conflitos e preconceitos em torno do tema."*

P49: *"Para desmistificar o tabu existente neste tema"*

P42: *"[...] mostrar e criar uma naturalidade ao tema é urgente!"*

P43: *"[...] desmistificando que falar de sexo em público é imoral, errado..."*

**3- Ensinar de maneira reflexiva e dialógica (31%, n=16)**

P28: *"Pois precisamos dialogar com as pessoas sobre assuntos ligados à saúde pública"*

P29: *"É importante para auxiliar no esclarecimento, retirar dúvidas sobre o assunto."*

P43: *"Porque é um modo do outro se expressar de forma "compartilhada""*

P4: *"[...] leve a comunidade à reflexão"*

**4- Educar para contribuir com a redução de problemas sociais relacionados à saúde pública (19%, n=10)**

P46: *"[...] é uma questão de saúde pública."*

P39: *"Em meio a [...] a quantidade de assédios e gravidez indesejada, é importante falar"*

P3: *Prevenção sobre questão de DSTs e ISTs"*

P23: *"[...] auxiliar [...] principalmente a crianças contra abusos sexuais"*

**5- Educar para contribuir com a redução de outros problemas sociais (13%, n=7)**

P38: *"Pois acredito que muitos problemas sociais advêm da falta diálogo e saber sobre sexualidade."*

P14: *"[...] para promover o respeito. A falta de informações é um dos caminhos para a ignorância e preconceito."*

P12: *"Tanto espaços de educação formal quanto não formal recebem e abrigam grande diversidade, seja racial, de gênero e etc."*

P4: *"[...] ação minimizadora de preconceito."*

**6- Promover o autoconhecimento e o exercício da autonomia (10%, n=5)**

P16: *"Porque as pessoas precisam ter mais noção de sua própria sexualidade e da sexualidade em geral."*

P51: *"[...] e se museu é lugar de guardar a criação do conhecimento, porque não conhecer meu corpo, meus desejos e como lidar com pessoas nesse aspecto."*

P33: *"Ajuda a pessoa se conhecer e evitar doenças; cuidar de si; procurar médicos; prevenir doenças; entender situações de abuso."*

P13: *"[...] para que a sociedade se informe mais e saiba como reagir em determinadas situações."*

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os assuntos relacionados à sexualidade ainda são considerados tabus devido à preconceitos, crenças e valores singulares (BRASIL, 1997), portanto é preciso desmistificá-los e naturalizá-los. Esse é um desafio antigo imposto às instituições de ensino, inclusive foi o título de uma chamada do Jornal "O Globo" para se referir a uma das primeiras atividades do ECV relacionadas à sexualidade. A chamada "Mostra desmistifica a sexualidade" refere-se à exposição, realizada em 1987, intitulada "História da Sexualidade — do natural ao cultural" (PEREIRA et al., 2009).

A educação sexual, assim como as demais estratégias de educação em saúde, pode contribuir para o processo de construção de conhecimento e desenvolvimento de habilidades que colaboram para a formação de um indivíduo crítico e reflexivo, capaz de analisar as condições ao seu redor e ter autonomia para tomar decisões (WHO, 2012). Por meio dela é possível promover 1) a conscientização do direito de escolha (quando se relacionar sexualmente e com quem), 2) a responsabilidade pela escolha realizada, e 3) respeito pela escolha das outras pessoas (UNESCO, 2019).

Para isso se tornar possível, é preciso ensinar de maneira reflexiva e dialógica, promovendo uma educação sexual emancipatória capaz de contribuir para o rompimento das relações de poder impostas pela sociedade (FIGUEIRÓ, 2010; PEREIRA, 2010); o que só é possível se forem oportunizados momentos de discussão sobre essas relações construídas historicamente e culturalmente (CHAUÍ, 1995), visto que a cultura na qual estamos inseridos nunca é realmente visível e auto evidente (ROY, 1975). A realização de atividades que promovam a reflexão e a criticidade é essencial, pois muitas vezes reproduzimos padrões comportamentais de forma inconsciente (BORDIEU, 1930), realizando inclusive a autorrepressão, ao interiorizarmos códigos de permissão, proibição e punição social, seja pela punição em si ou simplesmente pelo sentimento de estar em desacordo com o meio social (CHAUÍ, 1995). Vale ressaltar que o educador sexual precisa ter cuidado para não compartilhar seus valores, sentimentos, crenças, opiniões e preconceitos durante a realização das atividades (BRASIL, 1997), dando ao aprendiz a oportunidade de eleger, a partir dos princípios dos direitos humanos, dos seus valores e do conhecimento científico construído, aquilo que lhe convém.

Os assuntos abordados nas atividades de educação sexual devem ter relevância sociocultural e considerar as dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade (BRASIL, 1997). Esses e outros princípios foram considerados pelos PCN ao citar e agrupar os conteúdos considerados necessários aos programas de orientação sexual. Tendo em conta essas categorias, compilamos os assuntos apontados pelos cursistas como essenciais em uma mediação sobre sexualidade com os visitantes do museu. Apesar disso, diversos temas não puderam ser inseridos nessas categorias, como identidade (de sexo e de gênero) e orientação sexual. Sendo assim, a categoria intitulada "Relações de gênero" foi renomeada para "Conceitos relacionados à sexualidade", permitindo a incorporação dos assuntos mencionados pelos respondentes, tais como sexo, gênero, identidade, orientação sexual e sexualidade. Vale ressaltar que embora os PCN não contemplem todas as categorias relacionadas à sexualidade, eles orientam os educadores a responderem e tratarem de forma direta as questões abordadas pelos educandos.

Ao questionarmos sobre quais assuntos eram considerados essenciais em mediações sobre sexualidade com os visitantes do museu (Quadro 2), os cursistas destacaram majoritariamente os assuntos relacionados à categoria "Corpo: matriz da sexualidade" e "Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis", com ênfase na gravidez, IST e nos métodos de preveni-las. Talvez isso tenha ocorrido porque muitos currículos dão ênfase demais na reprodução (UNESCO, 2019).

**Quadro 2:** Assuntos considerados essenciais para as mediações sobre sexualidade com os visitantes do museu

<b>ASSUNTOS CONSIDERADOS ESSENCIAIS</b>
<b>Corpo: matriz da sexualidade (73%, n=38)</b>
Aborto (6 citações)
Anatomia e fisiologia do corpo humano (15 citações)
Atividade sexual (10 citações)
Autocuidado, assédio e violência sexual (12 citações)
Gravidez: da concepção ao nascimento (20 citações)
Métodos contraceptivos (21 citações)
<b>Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (61,5%, n=32)</b>
Infecções Sexualmente Transmissíveis (21 citações)
Transmissão e prevenção (16 citações)
<b>Conceitos relacionados à sexualidade (29%, n=15)</b>
Gênero (2 citações)
Identidade (3 citações)
Orientação sexual (9 citações)
Sexo (2 citações)
Sexualidade (3 citações)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo a UNESCO (2019), as informações sobre sexualidade precisam estar disponíveis aos jovens, incluindo métodos contraceptivos modernos, preservativos internos e externos. No entanto, a educação sexual deve ir além disso, apresentando os aspectos positivos da sexualidade, como o erotismo, o prazer e os relacionamentos baseados no respeito mútuo e igualdade (FIGUEIRÓ, 2010; UNESCO, 2019). Além disso é preciso proporcionar uma oportunidade para o diálogo e compreensão da influência dos fatores históricos e sociais sobre a sexualidade, como os papéis de gênero, item mencionado apenas duas vezes. Gênero é uma construção social que determina o conjunto de valores e comportamentos esperados para as pessoas, de acordo com o sexo de nascimento, e que varia de acordo com o contexto cultural (CONNELL e PEARSE, 2015). Sendo assim, a reflexão sobre a influência das relações de gênero sobre os nossos pensamentos, comportamentos e identidade pode contribuir para a escolha consciente de atitudes e, conseqüentemente, para a promoção da equidade de gênero.

Ao serem questionados se acreditam que possam ter alguma dificuldade em mediar sobre o tema sexualidade com os visitantes do museu, a maioria (60%, n=31) disse acreditar que sim. As possíveis razões apontadas pelos cursistas encontram-se no quadro a seguir (Quadro 3). Treze participantes (25%) disseram acreditar que não, sendo que quatro deles justificaram mencionando a familiaridade com assuntos relacionados aos aspectos biológicos da sexualidade, como prevenção, métodos contraceptivos, desenvolvimento embrionário (n=3), além de ressaltarem que alguns temas poderiam ser mais difíceis de serem abordados com o público (n=1). Um dos participantes ressaltou que poderia ter certa dificuldade ao lidar com o público, por muitos chegarem ao museu com um certo preconceito e conservadorismo. Os demais (15%, n=8) não responderam, disseram talvez ou reconheceram não saber se teriam dificuldade ao mediar sobre o tema, ressaltando que o tabu relacionado a ele reflete na ausência de familiaridade (n=3), sendo necessário haver treinamentos (n=1) para amenizar

esse problema e para prepará-los para lidar com o possível desconforto por parte do público durante a mediação (n=4).

**Quadro 3:** Principais motivos apontados para a existência da dificuldade na mediação dos assuntos relacionados à sexualidade

<b>MOTIVOS RELACIONADOS À DIFICULDADE NA MEDIAÇÃO</b>
<b>Insegurança em lidar com o público (23%, n=12)</b>
P13: <i>"Hoje em dia a sociedade ainda é muito machista acerca desse assunto e além de pessoas serem muito conservadoras e ter religião envolvida também."</i>
P28: <i>"Pois as escolas e os professores sofrem pressão dos pais."</i>
P35: <i>"Minha dificuldade talvez seja mais ligada ao vocabulário que eu precisaria ter com cada público."</i>
<b>O tema é tabu (19%, n=10)</b>
P3: <i>"Pois é um tema considerado em nossa sociedade como tabu e o seu diálogo é visto como impróprio ou algo que possa estimular os jovens."</i>
P7: <i>"Porque ainda há um grande conflito e tabu sobre esse tema, dificultando a recepção de discussões sobre o assunto."</i>
P45: <i>"Pois o tema é um tabu tanto para mim, como para o público-alvo, quanto para os possíveis responsáveis do público-alvo."</i>
<b>Pouco conhecimento acerca do tema (23%, n=12)</b>
P19: <i>"Meu olhar é muito enraizado para aula biológica, mas há outros aspectos."</i>
P32: <i>"[...] no geral não tenho um conhecimento muito aprofundado que me permita tirar as possíveis dúvidas que surjam."</i>
P52: <i>"Tenho e teria por falta de informação e conhecimento."</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para os cursistas, a sexualidade é um tema importante (5 citações), científico (2 citações), que permite questionamentos (1 citação) e está presente no cotidiano (5 citações), no entanto ainda é um tabu (13 citações) negligenciado (1 citação), como expõem os trechos a seguir:

P32: *"Porque é um tema relevante na vida de todos nós [...]"*

P45: *"O tema sexualidade é um tema científico-social como vários outros. Particularmente é do grande interesse para a sociedade e, portanto, deve ser apresentado, debatido e explorado."*

P6: *"Pois é uma questão que está no dia a dia das pessoas, faz parte da realidade e deve ser discutida."*

P44: *"A sexualidade faz parte da nossa vida e ela deve ser esclarecida, entendida desde cedo, evitando tabus e preconceitos."*

P36: *"Faz parte da cultura, e a formação científica pode vir a complementar conhecimentos, noções e práticas, e contribuir para a minimização de conflitos e preconceitos em torno do tema."*

P47: *"Porque é um tema negligenciado geralmente e as vezes a escola é inibida de fazer algumas abordagens. Além de ser um tema que pode dar um rumo para pessoas que tem problemas a respeito e não sabem com quem conversar ou onde buscar ajuda."*

P26: "A sexualidade como um todo é um tema tabu que influencia a saúde pública e individual e não pode estar envolta em desinformação."

Considerando que o tema é visto como um tabu pelos mediadores e que eles não têm familiaridade com assuntos relacionados à sexualidade, é preciso investir em estratégias formativas sobre os diferentes aspectos da sexualidade e sobre como mediá-los. Nesse contexto, a fim de identificarmos os assuntos a serem priorizados nos cursos de formação, perguntamos quais assuntos eles consideram mais difíceis e quais consideram mais confortáveis de mediar; as respostas foram agrupadas nas categorias já mencionadas (Quadro 4). Os tópicos mais citados foram gravidez, as IST e as formas de preveni-las. Vale ressaltar que todas as perguntas do questionário foram abertas, ou seja, não mencionamos opções a serem escolhidas e, portanto, ao observarmos o número zero no quadro é preciso estarmos cientes que ele não significa necessariamente que os participantes consideram o assunto fácil ou difícil de ser trabalhado, mas sim que não foi citado por nenhum deles. Essa omissão também pode ser um reflexo da ausência de familiaridade com esses assuntos.

**Quadro 4:** Percepção dos participantes acerca da mediação de assuntos relacionados à sexualidade

ASSUNTOS	CONFORTÁVEIS	DIFÍCEIS
<b>Corpo: matriz da sexualidade</b>	<b>32 citações (61,5%)</b>	<b>29 citações (56%)</b>
Aborto	0	5
Anatomia e fisiologia do corpo humano	8	3
Atividade sexual	4	8
Autoaceitação e autocuidado	2	0
Gravidez: da concepção ao nascimento	8	8
Métodos contraceptivos	10	1
Planejamento familiar	0	1
Violência sexual e traumas sexuais	0	3
<b>Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis</b>	<b>20 citações (38%)</b>	<b>4 citações (8%)</b>
Infecções Sexualmente Transmissíveis	16	0
Transmissão e prevenção	4	4
<b>Conceitos relacionados à sexualidade</b>	<b>10 citações (19%)</b>	<b>14 citações (27%)</b>
Sexo	2	1
Gênero	4	7
Orientação sexual	2	5
Identidade	1	0
Sexualidade	1	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

O planejamento familiar, o aborto, a violência sexual e os traumas sexuais foram incluídos apenas no agrupamento dos assuntos difíceis de serem trabalhados (Quadro 4). Com exceção do primeiro, esses são assuntos polêmicos. No Brasil, o aborto induzido é crime (art. 124 do Código Penal), exceto em casos de risco de vida para a gestante, gravidez resultante

de estupro (art. 128, I e II do Código Penal) e anencefalia (ADPF 54) (BRASIL, 1940; BRASIL, 2012). No entanto, a criminalização do aborto não o reduz ou extingue, mas o brutaliza, pois, muitas gestantes se submetem ao aborto inseguro em clínicas clandestinas, o que frequentemente resulta em complicações e morte (BIROLI, 2014), constituindo em um problema de saúde pública. O debate sobre o aborto constitui uma verdadeira disputa entre defensores e opositores; de um lado estão aqueles que acreditam que a gestante deve ter o direito a autonomia, garantindo a preservação da sua integridade física e psíquica (BIROLI, 2014) e, de outro, aqueles que defendem o direito à vida do embrião ou feto. Se o assunto é tão polêmico, será que o museu e a escola devem abordá-lo? A resposta é sim! Pois é preciso compreender o problema de maneira aprofundada para tomar decisões de forma consciente.

Apesar da sua relevância, Carpilovsky (2011) identificou que apenas 10% dos livros didáticos do ensino médio analisados abordaram o assunto. Sua abordagem foi superficial. Apenas um dos livros citou a possibilidade de aborto em caso de anencefalia e 30% mencionaram a possibilidade em caso de estupro ou risco de vida para a mãe. A maioria teve como foco a prevenção ao aborto, apresentando fatores que podem induzi-lo, como a ocorrência de doenças infecciosas e a realização de amniocentese. Em sua pesquisa, com acadêmicos da área de humanas e da saúde, Carpilovsky (2011) constatou que alguns formandos nunca tiveram oportunidade de estudar o assunto, seja na escola ou na universidade. Já os estudantes da educação básica afirmaram que nos raros momentos que o assunto é abordado, isso é feito de maneira rápida e superficial. Já que em casa, na escola e na universidade o assunto nem sempre é discutido (CARPILOVSKY, 2011), oportunizar a reflexão sobre as questões relacionadas ao aborto no museu é importante porque esse pode ser o único local disponível para isso. Ademais, o acesso à educação sexual e ao planejamento familiar, pode contribuir para redução da gravidez indesejada e consequentemente do aborto inseguro, que tem levado muitas mulheres à morte.

Outro tema mencionado foi a violência sexual, que afeta principalmente as mulheres e frequentemente é provocada por homens, incluindo os seus próprios parceiros (OMS, 2010). Constitui uma violação dos direitos humanos e provoca danos imediatos e de longo prazo, como gravidez indesejada, IST, complicações ginecológicas e estresse pós-traumático (OMS, 2010). Tragicamente, estamos inseridos na "cultura do estupro" que culpabiliza as vítimas e não o agressor. Essa cultura é sustentada por estereótipos de masculinidade e feminilidade, que são alimentados rotineiramente nas mídias consumidas por nós (ÁVILA, 2017). Dessa forma, muitos naturalizaram a violência de gênero e concordam com frases como: "Se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros" e "Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas" (IPEA, 2013). O gênero é uma construção sociocultural; logo, ser homem ou mulher não é algo predeterminado, mas sim aprendido ao longo da vida (CONNELL e PEARSE, 2015). Portanto, as concepções relacionadas ao gênero podem ser modificadas. Sendo assim, é preciso investir em estratégias de educação sexual para tentar desnaturalizar o que foi historicamente construído acerca das questões de gênero e promover a equidade. Para isso, é necessário oportunizar momentos de reflexão e diálogo sobre a cultura em que estamos inseridos e as questões de gênero. Sendo assim, os espaços de ensino formal e não formal precisam continuar a resistir ao ataque de conservadores que tentam impedir as discussões de gênero e demais assuntos relacionados à sexualidade.

Segundo a análise dos trabalhos publicados no período de 1980 a 1993, realizada por Figueiró, o professor foi apontado como o responsável por assumir a educação sexual. E apesar da sexualidade ser considerada um tema transversal (BRASIL, 1997), que deve ser trabalhado sob diversas perspectivas nas diferentes áreas do conhecimento, muitos autores defendem que o professor de ciências e biologia são os mais aptos para desempenharem essa função (FIGUEIRÓ, 2010). No entanto, muitas vezes esses professores só abordam questões biológicas, como mostra um estudo realizado em 2019, no qual 14, dos 15 professores que

participaram da pesquisa, disseram trabalhar o tema sexualidade, “sempre passando por questões biológicas” e que a partir daí as outras questões são discutidas (MOURA, 2019). Carpilovsky (2011) também identificou que a maioria dos assuntos trabalhados pelos professores estavam relacionados às questões biológicas. Considerando que nem todos os mediadores que atuam nos espaços de ensino não formal cursaram o ensino superior, muitas vezes o processo formativo desses profissionais na área de sexualidade ocorreu apenas durante a educação básica, com as limitações supracitadas.

Com a homologação e implementação da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) esse problema tende a aumentar, pois a sexualidade, como objeto de conhecimento, só está presente no ensino de ciências, no oitavo ano do ensino fundamental. Ademais, apenas uma das cinco habilidades relacionadas a esse objeto de conhecimento não se limita aos aspectos biológicos da sexualidade: “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética)”. Há outros conteúdos relacionados à sexualidade apresentados de maneira tímida no documento e para identificá-los e é preciso procurar atentamente. Gênero e diversidade sexual, por exemplo, são conceitos praticamente inexistentes no documento. Para Louro (2021), a pedagogia da sexualidade exercida na escola legitima determinadas identidades e reprime outras, seja pela afirmação ou pelo silenciamento. Nesse contexto, a heterossexualidade é considerada natural, normal e universal; já as demais formas de identidade sexual são consideradas antinaturais, peculiares e anormais (LOURO, 2021).

Ao serem questionados sobre a educação sexual vivenciada no ensino formal, apenas seis (11,5%) a consideram satisfatória, 32 (61,5%) acreditam que a abordagem durante as aulas foi pequena, 12 (23%) disseram que não identificaram atividades relacionadas à educação sexual em sua formação e dois não responderam. Isso reforça a necessidade de estratégias de formação inicial e continuada sobre sexualidade nos espaços de ensino não formal para formação dos educadores sexuais, a fim de suprir esse hiato que tem ocorrido no ensino formal. Constantin (2001) compartilhou a análise das 20 entrevistas realizadas com mediadores que atuaram no ECV. Uma das entrevistadas relevou que aprendeu muito sobre assuntos relacionados à sexualidade e isso a ajudava a lidar com os adolescentes da escola onde trabalhava, pois muitos tinham dúvidas sobre o tema e a procuravam pedindo ajuda. Outra entrevistada revelou que apesar de ser casada e mãe, só no museu pode aprender sobre alguns assuntos relacionados à sexualidade, incluindo os métodos contraceptivos e IST (COSTANTIN, 2001). Isso mostra que as estratégias utilizadas para a formação dos mediadores têm contribuído para a atuação desses profissionais na educação sexual, seja no ensino formal ou não formal.

Os museus de ciências também têm promovido cursos de formação continuada para professores, com atividades relacionadas à sexualidade, já que muitos se sentem despreparados para desenvolver o trabalho de educação sexual na escola (CARPILOVSKY, 2011). Durante o Curso de Formação Continuada de Professores em Ciências Naturais, oferecido pelo Espaço Ciência InterAtiva, por exemplo, temas como “Corpo humano, reprodução e sexualidade” foram abordados pela equipe do ECV. Após concluírem o curso, os professores mudaram as suas práticas pedagógicas. Eles passaram a investir mais tempo no planejamento das aulas, adotaram uma abordagem interdisciplinar, incluíram atividades práticas, inclusive sobre sexualidade, mesmo quando havia resistência por parte dos gestores da escola (PEREIRA et al., 2012).

A análise das respostas sobre a educação sexual vivenciada (ou não) no ensino formal revelou que ainda há muitas limitações a serem superadas no contexto escolar, sendo necessário:

1) Trabalhar todos os aspectos da sexualidade e não se limitar apenas aos aspectos relacionados à reprodução, comportamento sexuais, riscos e prevenção de doenças (UNESCO, 2019; FIGUEIRÓ, 2010).

P35: *"Durante meu ensino fundamental II me lembro de um professor falar sobre educação sexual, porém me lembro apenas dele usando uma vassoura e uma camisinha."*

P13: *"Apenas falaram sobre preservativos."*

2) Diversificar os recursos pedagógicos, estratégias didáticas e estimular a participação dos aprendizes (MOREIRA, 2012), proporcionando momentos de discussões de valores, atitudes, tabus e preconceitos (FIGUEIRÓ, 2010).

P27: *"A abordagem foi básica e superficial. Era usado somente o material didático da escola (livro de ciências)."*

3) Promover o reconhecimento da influência do contexto social nas questões sexuais, como, por exemplo, os papéis de gênero, a repressão e a autorrepressão, a fim de promover a criticidade e autonomia (FIGUEIRÓ, 2010; 2 FIGUEIRÓ, 2014; UNESCO, 2019).

P21: *"Abordagem bem a parte biológica, mas não abordaram a social."*

4) Ensinar os aspectos positivos da sexualidade, como relacionamentos baseados em respeito mútuo e igualdade (UNESCO, 2019), erotismo e o prazer sexual (FIGUEIRÓ, 2010).

P6: *"Tive a abordagem desde o fundamental I, porém sempre foi uma abordagem de colocar medo."*

5) Promover ações educativas diversificadas, seja dentro da programação ou extraprogramação, quando surgirem questões sobre o tema (BRASIL, 1997).

P50: *"Uma única vez, 1º ano do ensino médio, camisinha na cenoura. Só!"*

6) Incluir até mesmo os tópicos culturalmente sensíveis para determinado contexto social, visto que sua omissão pode contribuir para a exposição de crianças e jovens a comportamentos sexuais nocivos (UNESCO, 2019).

P39: *"Não foi muito claro o ensino. O assunto ainda era muito TABU. [...] Na aula houve espaço para dúvidas, mas todos tinham vergonha."*

P50: *"[...] Nunca houve conversa aberta em espaços formais ou não formais."*

7) Oferecer aos profissionais de educação oportunidades contínuas e sistemáticas de aprendizagem e reflexão a respeito de temas relacionados à sexualidade e educação sexual, bem como um espaço de supervisão dessa prática (BRASIL, 1997; FIGUEIRÓ, 2014).

P12: *"Aulão com sexóloga, ensinando basicamente a como utilizar o preservativo."*

Ao agruparmos os assuntos abordados na educação básica, percebemos que o eixo temático mais trabalhado foi "Corpo: matriz da sexualidade" (Quadro 5), o que explica, em parte, a prevalência desse eixo no Quadro 2.

**Quadro 5:** Assuntos abordados durante a formação dos mediadores na educação básica

<b>ASSUNTOS ABORDADOS NO ENSINO FORMAL</b>
<b>Corpo: matriz da sexualidade (42%, n=22)</b>
Aborto (1 citação)
Anatomia e fisiologia do corpo humano (8 citações)
Atividade sexual (2 citações)
Gravidez: da concepção ao nascimento (3 citações)
Métodos contraceptivos (8 citações)
<b>Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (15%, n=8)</b>
Infecções Sexualmente Transmissíveis (7 citações)
Transmissão e prevenção (1 citação)
<b>Conceitos relacionados à sexualidade (2%, n=1)</b>
Sexualidade (1 citação)

Fonte: Elaborado pelos autores.

As recomendações dadas para a superação das limitações do ensino formal também podem ser aplicadas ao ensino não formal; primeiro na formação dos mediadores que irão atuar como educadores sexuais e depois, com os visitantes desses espaços de ensino. Para isso, é preciso fornecer aos mediadores oportunidades contínuas de formação, com momentos de reflexão sobre seus próprios tabus, mitos e preconceitos (KAWATA, NAKAYA e FIGUEIRÓ, 2010), para que eles possam se reeducar sexualmente, despendo-se da (des)educação sexual cotidiana e, então, possam atuar como educadores sexuais.

Pode parecer óbvia a necessidade de desenvolver atividades destinadas à formação dos mediadores nos espaços de ensino não formal. No entanto, um estudo realizado em 12 museus e centros de ciências brasileiros identificou que a principal estratégia de formação dos mediadores é a informal, realizada por meio da observação e repetição do modelo apresentado pelo mediador mais antigo, e mesmo quando a direção desses espaços afirma realizar atividades de formação continuada de maneira constante, elas não são percebidas pelos mediadores (DE PAULA, 2017). Já outro estudo realizado no contexto europeu revelou que muitas instituições não organizam cursos de formação ou apenas oferecem cursos muito pequenos, em vista disso, a aprendizagem dos mediadores também costuma ocorrer por intermédio do convívio com profissionais mais experientes (RODARI e MERZAGORA, 2007). Na ausência de uma proposta pedagógica bem estruturada para formação desses profissionais, há um risco de distanciamento ideológico da proposta do museu, de manutenção de tabus e até mesmo de erros conceituais, o que pode impactar a experiência do visitante de forma negativa.

As estratégias de educação sexual devem ser incluídas na formação de mediadores dos museus de ciências, pois podem contribuir 1) para a compreensão da importância de abordar temas relacionados à sexualidade nos espaços de ensino não formal; e 2) para a construção de conhecimentos necessários para entender a sexualidade de maneira global, envolvendo os aspectos físicos, psicológicos e sociais. Além disso, recomendamos que, ao menos no período inicial da atuação do mediador na área de sexualidade, haja um acompanhamento da mediação, até que ele se sinta seguro para conduzir o trabalho sozinho.

Segundo as sugestões<sup>7</sup> deixadas pelos cursistas, após a realização das atividades sobre sexualidade, era necessário haver mais tempo para abordar as questões relacionadas ao tema (n= 40%):

*"Mais tempo para a atividade."*

*"Tempo muito reduzido!"*

*"Poxa! Poderia ter um dia só pra esse tema!!! Quando o papo ficou bom, acabou."*

*"Poderia ter um tempo maior para essa discussão, saí da oficina com alguns questionamentos. Não em relação a educação sexual, mas em relação a conduta do mediador frente a divergência de pensamento que pode ocorrer entre o público (algumas pessoas), e o museu em relação ao tema sexualidade, da forma como é apresentada."*

No ano de 2019 apresentamos muitas das atividades realizadas no museu durante a oficina de sexualidade. Mas notamos que era necessário reduzir o número de atividades apresentadas e ampliar o espaço para o diálogo, já que havia muitas dúvidas. Em vista disso, em 2020 ao invés de organizarmos previamente uma sequência de atividades, deixamos os materiais expostos e focamos no diálogo sobre a educação sexual a fim de sensibilizá-los para a importância do tema, utilizando os materiais apenas para responder as questões dos cursistas. Ressaltamos que iríamos realizar outras atividades sobre a temática ao longo do ano e todos aqueles que desejassem, poderiam participar. Os cursistas ficaram empolgados e muitos nos procuraram após a atividade manifestando o interesse em participar das oficinas futuras, inclusive vários pediram de volta o questionário utilizado para o levantamento das percepções dos futuros mediadores para deixarem registrado por escrito o desejo de participar das futuras oficinas, outros citaram o interesse no próprio formulário de avaliação da oficina:

*"Tenho interesse demais em trabalhar nela!!!! Não sei se posso me identificar, mas vou entrar em contato com a professora assim que ela aparecer no curso novamente."*

Talvez essa empolgação tenha ocorrido porque alguns cursistas nunca haviam tido a oportunidade de conversar com naturalidade sobre as questões relacionadas à sexualidade e/ou por reconhecer a falta de espaços destinados para abordar o tema:

*"Achei super interessante pois nunca participei de uma conversa tão descontraída sobre um tema atualmente em voga e necessário ao público."*

*"Tema de extrema relevância visto que ainda é tabu e muitas famílias e professores não se sentem à vontade para trabalha- lo."*

Para ampliar a oportunidade de diálogo sobre os assuntos relacionados à sexualidade e à educação sexual, criamos o Grupo de Estudos em Educação Sexual (GEEduSex), com encontros virtuais mensais, direcionados preferencialmente aos educadores de espaços de ensino formal e não formal e estudantes de licenciatura e museologia. Acreditamos que estratégias como essas são essenciais para que seja possível superar as dificuldades apontadas pelos participantes deste estudo. Talvez assim possamos contribuir para a formação de mais educadores sexuais e, a longo prazo, isso possa refletir na ampliação das ações destinadas à educação sexual nos espaços de ensino formal e não formal.

<sup>7</sup> As respostas dos questionários de avaliação foram anônimas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual, os assuntos relacionados à sexualidade ainda são encarados como um tabu, reduzindo as oportunidades de diálogo e aprendizagem significativa sobre a temática, tanto no ensino formal, quanto não formal e informal. Assim, a educação sexual vivenciada no ensino formal pelos participantes desta pesquisa refletiu a maneira como o tema é encarado socialmente, sendo considerada pela maioria como insatisfatória, com pouca ou nenhuma oportunidade de diálogo e quase sempre limitada às questões relacionadas à reprodução, à prevenção da gravidez e de IST. Conseqüentemente, os profissionais que desejam atuar como mediadores nos museus, por mais que reconheçam a importância da educação sexual no contexto museal, chegam a essas instituições com um grande déficit de conhecimento sobre o tema e sobre como abordá-lo, o que gera muita insegurança. Poucos foram aqueles que lembraram de aspectos psicossociais relacionados à sexualidade quando questionados sobre quais tópicos deveriam ser abordados no museu, ou quais consideravam difíceis de mediar ou os faziam se sentir confortáveis durante a mediação, provavelmente pela falta de familiaridade com esses assuntos, já que esses foram negligenciados no ensino formal. Portanto, sugerimos a inclusão dos assuntos relacionados à sexualidade durante o processo de formação dos mediadores, seja para prepará-los para mediar sobre o tema ou simplesmente para compreendê-lo, o que pode contribuir tanto para a sua formação pessoal quanto para a sua atuação profissional, visto que os museus recebem um público bastante heterogêneo, com diversas formas de expressar a sexualidade. Por fim, a ampliação das atividades sobre sexualidade nos museus de ciências é urgente, visto que ainda há pouquíssimas iniciativas de educação sexual nesses locais, apesar da sua relevância para a formação de cidadãos capazes de compreender a sexualidade de maneira global, com consciência dos seus direitos sexuais e reprodutivos, vivendo com prazer e responsabilidade.

### Agradecimentos

Agradecemos a toda equipe do Espaço Ciência Viva, principalmente à coordenação do VI e VII Curso de capacitação de mediadores para atuação em ambientes de ensino não formal. Agradecemos também ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – E-26/202.774/2018.

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, D. M. #Estupro não é culpa da vítima: notas sobre a violência de gênero e cultura do estupro. In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da Furg, 2017, p. 103-118.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BIROLI, F. Autonomia e justiça no debate sobre aborto: implicações teóricas e políticas. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 15, p. 37-68, 2014.
- BRASIL. Código Penal. Código Penal Brasileiro. Decreto-Lei 2848/1940. Brasília, DF. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91614/codigo-penal-decreto-lei-2848-40>. Acesso em: 29 jul 2021.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. ARGÜIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL 54 (ADPF) 54 Relator: Marco Aurélio. Publicado em 12/04/2012. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=3707334>. Acesso

em: 30 jul. 2021. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Educação é a base**. 3 ed. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 04 set 2020.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. 1930. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia, São Paulo: Editora Ática, 1983.

CARLETTI, C. **Mediadores de centros e museus de ciência brasileiros**: quem são esses atores-chave na mediação entre a ciência e o público? 2016. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) — Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

CARPILOVSKY, C.K. 2011. **O aborto como um problema de saúde pública: contribuições para o debate nas áreas da saúde e educação**. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero – Uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONSTANTIN, A. C. C. 2001. **Museus interativos de ciências**: espaços complementares de educação. O surgimento da primeira instituição brasileira. Tese (Doutorado em Química Biológica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, A. F.; GOUVÊA, G. Victor Stawiarski e a educação sexual no museu nacional (1940-1970): entre demissões e silenciamentos, o sucesso de público. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA — ITINERÁRIOS DE RESISTÊNCIA, PLURALISMO E LAICIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA, 8., 2020, Ceará. **Anais eletrônicos...** Disponível em: [http://www.enebio.com.br/sistema/congressista/modulos/trabalho/trabalho/apresentacao/AP\\_RESENTACAO\\_TRABALHO\\_EV139\\_MD1\\_SA20\\_ID1508\\_19012021203726.pdf](http://www.enebio.com.br/sistema/congressista/modulos/trabalho/trabalho/apresentacao/AP_RESENTACAO_TRABALHO_EV139_MD1_SA20_ID1508_19012021203726.pdf).

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA. Estatuto social do Espaço Ciência Viva. 1983.

DE PAULA L. M. **Para além de apertar botões**: a função social dos museus participativos de ciências. 2017, Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) — Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

DE PAULA L. M.; PEREIRA, G. R.; COUTINHO-SILVA, R. A função social dos museus e centros de ciências: integração com escolas e secretarias de educação. **Ciência e Cultura**, v. 71, p. 1, 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciências: saberes e práticas. **Revista Ensaio**, v. 18, n.1, p. 23-46, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. G1 (RJ): Para 58,5%, comportamento feminino influencia estupros, diz pesquisa. Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&ordering=3&limitstart=12080&limit=10](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=12080&limit=10). Acesso em 30 jul 2021.

KAWATA, H. O.; NAKAYA, K. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 85-111, 2010.

MARANDINO, M. Educação não formal. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

MARTINS, M. C. Mediação. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

MATOS M. G.; COUTINHO-SILVA, R. Sexualidade, Saúde e Sociedade na Formação de Professores. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2012, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: MAST, 2012. p. 1-3.

MOURA, K. A. M. **Sexualidade na escola segundo professores do município de Magé**. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). 2019. Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MOREIRA, M. A. Aprendizaje significativo, campos conceptuales y pedagogía de la autonomía: implicaciones para la enseñanza. **Aprendizagem Significativa em Revista/ Meaningful Learning Review**, v. 2, n. 1, p. 44-65, 2012.

OLIVEIRA, S. COUTINHO-SILVA, R. Aprendizagem significativa no contexto do ensino não formal. **Aprendizagem Significativa em Revista**, v. 10, n. 1, p. 46-67, 2020.

OLIVEIRA, S.; VITIELLO, P.; CAMANHO, S. S.; COUTINHO-SILVA, R. Espaço Ciência Viva: Há 38 anos atuando na área de educação sexual. In VI Congresso Brasileiro de Educação Sexual – O contexto nacional e o futuro da educação sexual: desafios e propostas, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. 2012.

PAULA, L. M.; RUIZ, A. S. PEREIRA, G. R.; ANDRADE, V. A.; COUTINHO-SILVA, R.; KUTENBACH, E. Um sábado de grandes descobertas: um olhar acerca dos sábados da Ciência do Espaço Ciência Viva no Rio de Janeiro. **Latin American Journal os Science Education**, v. 1, p. 22011-1 –22011-14, 2014.

PAIXÃO, C.; CAMANHO, S. S.; TORNAGHI, E.; KURTENBACH, E. **A sexualidade por meio da arte**. In: ARAUJO-JORGE, T. C. Ciência e Arte — Encontros e Sintonias. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2004.

PEREIRA, G. R. Decursos educativos e conhecimentos para uma educação sexual emancipatória intencional. **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 53 -67, 2010.

PEREIRA, G. R.; PAULA, L. M.; SILVA, M. M. G. V.; SOUZA, V. V. C.; COUTINHO-SILVA, R. **Formação de professores e a interface museu de ciências e escola**: o caso dos anos iniciais do ensino fundamental. In: III Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa — Paraná, setembro 2012

PEREIRA, L. A.; FARIA, V. S.; Pimenta, L.; ANDRIETO, L. L. R.; BANDEIRA, F. C. S.; CAMANHO, S. S.; COUTINHO-SILVA, R. Ciência e educação para uma sexualidade consciente e responsável. **Saúde e Educação para a Cidadania**, v. 5, p. 1-13, 2009.

RODARI, P.; MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: status, papéis e capacitação. Uma visão geral europeia. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Org.). **Diálogos & ciência**: mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2007.

ROY, W. **A invenção da cultura**. Coleção Argonautas. Ed. UBU, 1975.

SANTOS, A. S. B. **Educação em sexualidade em contexto não formal**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação para a Saúde) — Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra. Coimbra, 2018.

SANTOS, M. C.; LUIZ, N. B. Conduzindo a educação em saúde na educação básica por meio da anatomia humana. **Expressa Extensão**, v. 23, n. 2, p. 146-160, 2018.

UNESCO — ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências. 2 ed. Paris: UNESCO, 2019.

VIEIRA JUNIOR, N. C. **Memória LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) no Museu da Diversidade Sexual em São Paulo**: sugestões de sistemas e serviços informacionais. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gerência de Sistemas e Serviços de Informação) — Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2013.

WALTER, S. A.; BACH, T. M. Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: inovando o processo de análise de conteúdo por meio do Atlas.ti. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 275-308, 2015.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health education**: theoretical concepts, effective strategies and core competencies: a foundation document to guide capacity development of health educators. Cairo: World Health Organization, 2012.